

HISTÓRIAS DE QUADROS E LEITORES

STORIES OF TABLES AND READERS

Maria do Rosário Abreu e Sousa¹

RESUMO: História de Quadros e Leitores, antologia de contos nascidos a partir de imagens, reúne escritores contemporâneos que através de suas narrativas pintam um grande mural da história e das práticas de leitura no Brasil. Organizada e apresentada por Maria Lajolo, essa coletânea contempla tanto os amantes da literatura, quanto os professores das diversas disciplinas, que nele encontrarão múltiplas possibilidades de desenvolvimento de práticas pedagógicas.

PALAVRAS-CHAVE: pintura, literatura brasileira, ensino.

ABSTRACT: História de Quadros e Leitores (History of pictures and readers), antology of shortstories written by contemporary brazilian writters, whose tales, were inspired in pictures, offers not only the pleasure of reading, but also possibilities to develop different pedagogical practices. Marisa Lajolo selected these short stories

KEY-WORDS: brazilian literature, painting, pedagogical practices.

Inspiradoras das ciências e das artes, filhas de Zeus e Mnemósine, nove são as musas, nove são os contos e nove são as telas que compõem o livro Histórias de Quadros e Leitores, publicado pela editora Moderna em 2006. Coletânea de vinte e um contos de autores contemporâneos, organizados e apresentados por Marisa Lajolo, para a fruição e reflexão dos leitores, é claro, mas também para a exploração das múltiplas possibilidades de trabalho dentro e fora da sala de aula, que essa antologia convida.

Os escritores chamados para participar dessa coletânea de contos, dialogaram com imagens que bem poderiam elas próprias, tecer a história da leitura no Brasil, já que o denominador comum de todas elas é o leitor. Sete são telas de pintores famosos. Há também um retrato em preto e branco, e um cartum; não é à toa que estes dois últimos fogem ao paradigma; descortina-se aqui, uma daquelas múltiplas possibilidades de exploração que essa antologia propicia aos professores não apenas de literatura, mas também das demais disciplinas.

Na apresentação, de Marisa Lajolo, é Machado de Assis quem concretiza o pensamento do grego Simonides de Keos, que cinco séculos antes de Cristo, ao refletir sobre as relações entre

¹ Mestranda da Universidade Presbiteriana Mackenzie, abreu.rosario@ig.com.br

a pintura e a literatura, àquele tempo representada quase que exclusivamente pela poesia, chegou à seguinte conclusão: “ a pintura é a poesia muda, e a poesia é a pintura que fala.”.

Encantado por um quadro do pintor italiano Fontana que retratava uma bela mulher ruiva com um livro pousado no colo, Machado acabou por ganhar essa tela de presente de amigos que se cotizaram para satisfazer o desejo de nosso mestre das letras. Ao fruidor da arte pictórica, ainda hoje essa imagem encanta. Imaginemos Machado de Assis, àquela época já um escritor consagrado, a pensar que muitas belas mulheres já tiveram seus livros entre as mãos (ainda hoje continuam a tê-los!) e sucumbiram (ainda hoje sucumbem!) aos sortilégios do bruxo do Cosme Velho.

Inspirado nesse quadro, em 18 de abril de 1895 nasceu *Soneto Circular*, no qual Machado agradece nominalmente aos amigos, e exalta a bela leitora de negro olhar oblíquo – teria sido isso que encantou Machado?

Joel Rufino dos Santos inicia essa coletânea com o conto *Confissão*, que assim como o quadro de Benedito Calixto *Anchieta*, transportam o leitor para o século XVII, para os primeiros anos da colonização portuguesa, para aquele jesuíta que mediou a leitura dos primeiros brasileiros. Nesse conto, Joel Rufino dos Santos penetra na alma de José de Anchieta, e faz das inquietações do jesuíta, o *leit motiv* dessa história belíssima. São as dúvidas, personificadas no sincretismo religioso, que atormentam o jesuíta, e dão uma cadência de poesia a esse conto, retrato do amálgama cultural que ainda hoje cunha a identidade da nação brasileira

E continua a história da jovem nação brasileira pelos olhos de Jean Baptiste Debret, e pela voz de Luiz Antônio de Assis Brasil. Uma vez mais é a pós – modernidade que dá o tom, através dessa outra metaficcãohistoriográfica, que trata de uma das múltiplas formas de exclusão que se perpetuam até os nossos dias. A protagonista desse conto, a menina-mulata-bastarda, Maria Eulália, tal qual a bela ruiva que enfeitiçou Machado, também tinha *Um livro entre suas mãos*, título desse conto de Assis Brasil. Entretanto, esse livro teve um destino talvez inusitado, previsível talvez: palavra-chave desse conto, o livro em femininas – mãos – mulatas, guarda similitudes com o conto *Yentl*, do escritor polonês, prêmio Nobel de literatura, Isaac Singer. Yentl, protagonista do conto homônimo, também ela carrega livros em femininas – mãos- judias.

Tipicamente feminina é a escrita de si. Confinadas ao ambiente doméstico, cartas e diários por longos séculos foram a única via possível para as mulheres registrarem suas histórias, comentários, reflexões. O quadro de Almeida Júnior, *Saudades*, que retrata uma mulher lendo uma carta, expressa o drama de quem lê uma carta que bem poderia ter como remetente *Uma mulher audaciosa*, título do conto da Ana Maria Machado.

“ Vevey, 28 de março de 1911. Minha querida amiga Sancha.”Inquieta-se o leitor machadiano ao ler tal vocativo, por evocar uma das obras primas do “ bruxo do Cosme Velho”. Sim, “cara leitora”, – vocativo tantas vezes cunhado por Machado de Assis – é Maria Capitolina, a Capitu quem escreve à Sancha, dando sua versão do mais comentado adultério,(ou será que não houve adultério?) da literatura brasileira. Mesmo o leitor ainda não aparelhado a operar tal intertextualidade, é compelido a devorar com voracidade essa carta, como quem viola uma correspondência e pouco a pouco vai desvelando um segredo.Momento significativo dessa carta, é a revelação da tentativa de infanticídio planejada por Bentinho, e que guarda enorme similitude com uma outra, executada pelo protagonista do romance *O Inocente*, de Gabrielle D’Annunzio, magistralmente traduzido em imagens pelo cineasta Luchino Visconti, que fez do filme homônimo, sua obra da maturidade, um dos raros exemplos de diálogo bem sucedido entre cinema e literatura.

Continua pelo século XX este passeio pela alma brasileira, que agora encontra-se com a alma russa, representada pelo quadro de Lasar Segal *Gestante com livro*, e pelo conto de Moacir Sclyar, *Histórias de Mãe e Filho* . Certamente Calíope, a musa da poesia épica, inspirou Sclyar a escrever essa saga do imigrante judeu-russo, representado pela gestante da tela de Segal.

O quadro *Cajueiro*, de Odete Maria Ribeiro, ilustra as práticas orais de leitura. Sob imenso cajueiro, ouvintes atentos do leitor, que bem poderia estar a ler *O último cangaceiro* .Nesse conto, Ferreira Gullar relata a história de Zé Jiló, que estimulado pelas histórias que sua avó contava, sai em busca do último cangaceiro, o “ Lamparina”. O humor dá o tom dessa saga, que mescla fantasia e realidade.

A partir de um retrato tirado como lembrança de conclusão do antigo curso primário, a história de Mirim, título do conto de Luiz Ruffato, desenrola-se como tantas outra histórias de migrantes que transformam-se em operários.Fragmentada e circular, é a tessitura desse conto que reza pela cartilha da estética pós-moderna, e que também abre discussões sobre o peso do rito congelado em imagens, construir histórias e cunhar identidades.

Verdadeiro jogo de espelhos é o próximo conto *Retrato de Carolina*, de Carlos Vogt.Ao contrário das imagens anteriores – produzidas por pintores famosos - , é uma fotografia da escritora Carolina Maria de Jesus, que introduz o contot, cujo protagonista, ao contrário do que sugere o título , é Zé Balaio, um lumpén, como o classificariam os cientistas sociais.O leitor desse conto fruirá mais facilmente se já tiver conhecimento prévio da biografia e dos escritos de Carolina Maria de Jesus. Entretanto a cadência algo lenta da narrativa, talvez não favoreça o

despertar, no leitor iniciante, da busca do intertexto de Carolina Maria de Jesus, essencial para o entendimento do jogo de espelhos, e da questão da identidade, presente nesse conto.

Composição à vista de um quadro, é o título do conto de Inácio de Loyola Brandão, que continua a abordar a questão de identidade através de um tema recorrente da literatura universal, o “duplo”, que se desdobra em diversos “eus”. O quadro que introduz esse conto é *Meditação*, do pintor surrealista Ismael Nery, que ilustra o ser humano dividido entre o mundo real, e o onírico.

E o jogo de espelhos continua pela charge de Claudius, na qual muitos leitores se verão, quer pela contemporaneidade da cena, quer pela infância que evoca. *Barulhos do silêncio*, é o título do conto de Lourenço Diaféria, cujo protagonista é um menino que escreve uma redação para entregar à sua professora. A narração em primeira pessoa possibilita a empatia: o leitor é conduzido à infância por esse personagem de rosiano sabor Miguilim, que encerra essa antologia iniciada com o machadiano olhar Capitu. Tem jeito melhor de começar e terminar uma coletânea de contos brasileiros ?